

O lado destrutivo do Poder

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Todos sabemos que sem energia uma simples lâmpada não acende. Mas sabemos também que com energia acima de sua capacidade essa mesma lâmpada se queima. A relação que o homem mantém com o Poder pode ser pensado dessa forma. Já ouvimos muitas vezes a máxima: “o Poder corrompe” ou “todo Poder corrompe”. Eu, particularmente, não concordo com essa generalização. Prefiro afirmar que o Poder “pode corromper”. Tudo vai depender do modo como a relação com esse Poder vai se desenvolver. Um parâmetro eficaz é o sinal que a coletividade pode oferecer ao “sujeito do Poder”. A ética da comunidade que é a própria fonte da ética, normalmente, é um bom meio de aferição para regulamentar a relação dos sujeitos com o poder. Ignorar esse instrumento de aferição pode ser muito perigoso, podendo-se, com frequência queimar a lâmpada.

Entendo as mortes ocorridas recentemente na esfera do Poder como essa sobrecarga que queima. Foram o Ministro Sérgio Motta e o deputado Luis Eduardo Magalhães vítimas de seus próprios “Poderes”. Que na verdade não é poder nenhum. Que poder pode haver na compulsão a ingerir? Que poder pode haver em morrer tão jovem?

Acredito que muitos ainda se lembrem da personagem “Dona Redonda” da novela Saramandaia de Dias Gomes. Aquela que explodiu de tanto comer. Qualquer semelhança é mera coincidência. Sergio Motta literalmente explodiu. Não me refiro só a seus hábitos alimentares extravagantes que dificultaram, provavelmente, o trabalho dos médicos. Me refiro a ingesta abusiva do Poder. Estava o ministro factualmente e fatalmente envolvido nas redes do *Consumo de Poder*. Daí a overdose mortal e o ditado popular passa a ter plena razão: “o Poder corrompe”. Corrompe no sentido de destrói. Ou seja o “Poder queima”.

No caso do prodigioso político Luis Eduardo a história não muda muito. Já agendado à Presidência da República para o terceiro milênio teria que correr muitos quilômetros, certamente mais que onze. A *carga* das expectativas sobre seus ombros eram enormes. A começar de seu próprio pai. Agradar seu grande herói, o renomado Senador, era certamente um de seus anelos. Diziam que desde pequeno queria ser político como o pai. Será? É muito comum confundir nosso próprio desejo com o desejo do outro. Principalmente quando esse outro é tão idealizado. A carga foi

excessiva. Sobrecarga. A lâmpada queimou. Talvez com o parâmetro de limite dado pela comunidade nacional pudesse ter sido poupado. *Who knows?*

Em conversa com o psicanalista Jaime Daisson e com alunos de um grupo de estudo lembramos coisas interessantes. O nome *Infantaria*, aquela que muitas vezes vai na frente dos exércitos, remonta a *infantes*. É preciso lembrar que a humanidade constantemente permitiu, alistou e convocou seus infantes a lutar. São os infantes, as crianças, normalmente os primeiros que tombam. A guerra, meio sangrento nem sempre de defesa mas comumente de buscar o poder, indiscutivelmente é um projeto *filicida*. São os filhos da nação que adormecem nos campos da morte. Por trás do suposto brilho do “Poder”, sem a salvaguarda do bem comum, se esconde a cara opaca da morte. Prantear depois essa morte anunciada não atenua a dor do equívoco da ambição. Da sobrecarga. Da queima. Guerra e Poder. Poder e filicídio.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).